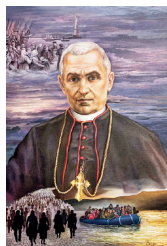


Pelas estradas do êxodo

Sumário

EDITORIAL

- 3 Scalabrini santo!!!
Luisa Deponti



ESPIRITUALIDADE

- 6 Dom João Batista Scalabrini
Pai e Apóstolo dos migrantes
- Inspirador do nosso caminho missionário-
Maria Grazia Luise

- 18 Se dentro
Adelia Firetti



- 24 Passos de paz
Nadia Antoniazzi

TESTEMUNHO

- 12 Pelas estradas do êxodo
com Scalabrini
Christiane Lubos
- 26 A memória de uma queda
e o início de uma nova vida
Por Thamiris Morgado e Rita Bonassi



MIGRAÇÃO

- 19 "Para mim são pessoas"
Migrantes haitianos no México
Luisa Deponti



Edição em Português
Ano XLI n.1 2022

Pelas estradas do êxodo

É uma publicação das
**Missionárias Seculares
Scalabrinianas**
Rua Jenner, 89 - Liberdade
01526-030 São Paulo
SP - BRASIL
Tel: (011) 3208-0872

saopaulo@scala-mss.net
www.scala-mss.net

Desenhos e fotografias:
Arquivo Missionárias Seculares
Scalabrinianas

(desenho na capa e p. 7, 11, 12, 14, 15,
16, 17, 20, 21, 22, 23 e 30);

Arquivo Missionários Scalabrinianos
(p. 3, 4, 6, 12);

scalabrinianas.org.br (logo na capa);
Pixabay (p. 5, 18, 19);

Henry st.- Wikipedia (p. 8);

Petr Kratochvil -publicdomainpictures.
net (p. 24,25);

Shahid Parvez -Wikipedia (p.26)

**Agradecemos pela
colaboração com os
custos da publicação**

**Banco do Brasil
Agência 3548-3
c/c 4153-0**

**As Missionárias
Seculares
Scalabrinianas,**

Instituto Secular
na Família Scalabriniana,
são leigas consagradas
chamadas a compartilhar
o êxodo dos migrantes;
publicam este periódico
em quatro línguas como
instrumento de diálogo
e de encontro entre as
diversidades.



SCALABRINI SANTO!!!

João Batista Scalabrini será proclamado santo!

Este feliz anúncio chegou até nós no final de maio, no meio do Ano Scalabriniano que estamos celebrando em memória dos 25 anos da beatificação de J. B. Scalabrini, ocorrida em 09 de novembro de 1997.

Já no dia 27 de agosto de 2022 o Santo Padre Francisco anunciou o dia 09 de outubro como a tão aguardada data para a cerimônia de Canonização.

“É com grande alegria que lhes comunicamos a notícia de que o Santo Padre, acolhendo a opinião dos cardeais reunidos em assembleia no dia 17 de maio, decretou que o Bem-aventurado João Batista Scalabrini será venerado como santo na Igreja. [...] Sabemos o quanto são amados pelo Santo Padre os migrantes, refugiados, marítimos e todos aqueles envolvidos na mobilidade humana. Frequentemente ele vem orientando a Igreja e a sociedade sobre o dever de acolhê-los, protegê-los, promover suas condições de vida e valorizar sua contribuição para a convivência comum. Ao proclamar santo João Batista Scalabrini, o Papa Francisco quer indicar à Igreja o modelo de um bispo que não só se entregou completamente ao bem de seu povo, mas também estendeu seu coração aos seus irmãos que a vida havia levado para longe de casa.

Agradecendo ao Santo Padre por este dom e na alegria que nosso Fundador e Inspirador seja reconhecido como modelo a imitar, nos sentimos, ainda mais, responsabilizados em manter vivo o carisma que ele nos transmitiu e em dedicarmo-nos ao serviço da fraternidade,

aonde as pessoas não sejam mandadas embora pela violência e pela guerra, não sejam descartadas porque de sobra ao sistema, e sim apreciadas e valorizadas na sua própria unicidade e diversidade. Cada comunidade é convidada a comunicar aos migrantes que em Scalabrini têm um pai e um padroeiro a quem recorrer nas dificuldades porque interceda pela proteção de Deus que volve seu olhar de predileção sobre os pequenos e os marginalizados [...]”.

Assim se expressaram o Superior Geral dos Missionários Scalabrinianos, a Superiora Geral das Irmãs Missionárias Scalabrinianas (as duas Congregações fundadas por J. B. Scalabrini no século XIX) e a Responsável Geral de nosso Instituto de Missionárias Seculares Scalabrinianas, em carta enviada a toda a Família Scalabriniana.



Scalabrini é o Inspirador do nosso Instituto Secular, que começou em 1961, 56 anos depois da morte do bem-aventurado Bispo de Piacenza.

Queremos compartilhar com os leitores, com os muitos amigos que acompanham nossa caminhada, a alegria pela canonização de J. B. Scalabrini, cuja vida se torna assim uma mensagem viva de fé, esperança e caridade para toda a Igreja universal, em um tempo em que as migrações assumem características mais complexas e dramáticas.

O Secretário de Estado da Santa Sé, Cardeal Pietro Parolin, que em 1º de junho presidiu a celebração de uma Santa Missa em Roma na festa litúrgica do Beato J. B. Scalabrini, destacou o significado da decisão do Pontífice de logo proclamá-lo santo:

“Scalabrinia tivou iniciativas de proteção aos migrantes especialmente no início da trajetória migratória, quando as fragilidades são mais acentuadas, indicando as responsabilidades políticas na gestão da emigração, combatendo os intermediários que se aproveitaram das necessidades dos migrantes, lembrando às igrejas de origem e destino os seus deveres pastorais, sugerindo que os mesmos não são um fardo, mas um recurso para o país de acolhimento.

Por fim, realizou uma ação profunda, identificando a fé como o bem mais precioso para os migrantes e a emigração não como uma anomalia temporal da história, mas como um componente estrutural dela e, do ponto de vista da fé, um possível instrumento de diálogo de salvação [...]. O Papa Francisco, que compartilha a paixão de Scalabrini pelos

migrantes e refugiados, categorias que a sociedade descarta, mas que a fé abraça na visão de um mundo cada vez mais inclusivo quis apontar como exemplo esse bispo instruído, forte e manso e para isso o proclamará santo. Exemplo de uma Igreja que não se fecha internamente, mas em constante saída, para transformar as periferias em centro, sai para fazer com que todos se sintam pertencentes a ela porque nela se reúnem todos os povos e todas as línguas [...].



Muitas coisas mudaram desde os tempos de Scalabrini. A emigração revela hoje uma face nova e mais complexa. Estamos testemunhando uma mistura de diferentes povos, culturas e religiões, refugiados e exilados aumentaram dramaticamente. Tudo isso também não é alheio a mal-entendidos e tensões, mas o Beato J. B. Scalabrini continua sendo um exemplo, uma luz, um poderoso chamado a reconhecer e respeitar os direitos inalienáveis da pessoa humana em uma sociedade que muitas vezes o faz apenas com palavras, um lembrete de que todos vivemos em uma única aldeia global onde o destino do indivíduo é o destino de todos, um lembrete para mudar nosso olhar e nossa abordagem [...]. Um lembrete para considerar os migrantes que batem à nossa porta não apenas pobres espancados deixados à beira da estrada, mas para se verem como o samaritano que vem ao encontro de nossas sociedades opulentas, mas doentes de indiferença e egoísmo e dispostos a curar nossas feridas. Se acolhidos e integrados estão prontos para construir o futuro aqui conosco”.

A visão profética e de fé de J. B. Scalabrini, que nos leva a admirar, desde já, a meta e a acreditar que estamos caminhando em direção à unidade da família humana, nos dá, mesmo nestes tempos convulsivos e difíceis, a força e a direção certa para os passos de paz de cada dia.

Luisa



DOM JOÃO BATISTA SCALABRINI PAI E APÓSTOLO DOS MIGRANTES

- INSPIRADOR DO NOSSO CAMINHO MISSIONÁRIO -

Nosso Instituto Secular - terceiro Instituto de vida consagrada da Família Scalabriniana – surgiu com uma vocação de total consagração a Deus no mundo dos migrantes. Compartilhando a história da migração, nos sentimos enviadas a realizar a nossa **missão secular** seguindo os passos da **“espiritualidade da encarnação” do bem-aventurado Dom João Batista Scalabrini**, acolhendo o Espírito Santo - através da vida filial dos votos - o qual pode unir as pessoas e os povos em suas diversidades, para além de qualquer fronteira.

Em nosso caminho de **Missionárias Seculares Scalabrinianas**, nos deixamos conduzir pelo **coração universal** do bem-aventurado **J. B. Scalabrini**, procurando colher os germes de sua espiritualidade, amplamente semeados ao longo de nossa história. Pouco a pouco, tornava-se sempre mais importante para nós, partir de onde ele partia: da centralidade apaixonante de **Jesus Cristo**, protagonista de sua vida; do projeto de Deus para o mundo; da Igreja, que, como Corpo de Cristo, é considerada a extensão da encarnação do Filho de Deus, Jesus.

A partir dessa profundidade e amplitude de fé, movia-se a **espiritualidade da encarnação** que o bem-aventurado Scalabrini vivia em modo genial e profético: primeiro como cristão e depois como Bispo, não só de Placência, mas também do mundo! Ele, permanecendo no coração de Deus, aberto ao Seu Amor infinito (cfr. Jo 3,16), permitia que o universo de Deus se derramasse na história e que a história caminhasse para Deus, através de sua própria pessoa, sempre mais **“sacramento animado”** da vida de Jesus na relação Igreja-mundo.

Ele partia das grandes dimensões cristãs para tratar dos problemas de seu tempo, como a **emigração**. Das grandes e profundas verdades tirou luz e energia para cuidar dos migrantes – como de cada pessoa – e responder às muitas dificuldades que encontrou, para poder superar os desafios de seu tempo.

Este modo de ver o todo antes das partes, e consequentemente agindo, unia nele **contemplação e ação**, tornando seu modo de intervir qualitativo e incisivo – na Igreja e no mundo – transparecendo eficazmente o amor de Deus pelo homem.

Ele sentia que em cada fato particular estava em jogo a totalidade, a catolicidade, enquanto vislumbrava de forma especial nas migrações a possibilidade de tornar visível a fraternidade entre os homens e a unidade entre os povos, cujo centro está em Deus, Pai de todos os homens e fonte da comunhão universal.

A centralidade de Jesus crucificado e ressuscitado

A espiritualidade, que recebemos como dom através dos Missionários Scalabrinianos juntamente com a vida dos migrantes, pouco a pouco nos iluminou e nos ajudou a não considerar a espiritualidade separada da missão, nem a contemplação da ação, nem a fé da vida.

Caminhando, nos demos conta sobretudo, com gratidão, que uma espiritualidade scalabriniana, vivida no mundo, nos remetia e nos remete sempre à centralidade de **Jesus Cristo crucificado e ressuscitado**, reconhecido e acolhido especialmente nas idas e vindas do migrar.



O CRUCIFIXO DE COMO



A presença de amor e de comunhão do Filho de Deus, que encontra e atravessa as dispersões humanas e as marginalizações, consequências do pecado, move a nossa vida missionária de êxodo em êxodo e na esperança. É com Ele, crucificado e ressuscitado, que podemos atravessar os desertos do mundo, dentro e fora de nós, e fazer convergir nEle todas as realidades, nas quais está imersa nossa vida secular, enquanto partilhamos a vida dos migrantes.

A **consagração secular** nos pede para viver a contemplação no mundo, para poder permanecer na **Origem trinitária**, para assim mergulharmos em uma plena solidariedade humana, assumindo e partilhando da condição do homem migrante.

De fato, a fé nos permite encontrar cada homem, cada migrante, cristão ou não, com profunda estima, porque cada um é, antes de mais nada, amado e estimado por Deus. Não podemos, portanto, parar em um instinto inicial de piedade com os mais necessitados. Devemos antes nos perguntar por que Jesus chama os pobres de bem-aventurados e por que o migrante pode ser considerado bem-aventurado.

A pobreza do migrante no esquema de Abraão

A pobreza que caracteriza o migrante, enquanto homem em caminho – e não enquanto faminto, sedento, perseguido – deriva de ter superado as fronteiras, ter deixado para trás pertencimentos importantes, porém parciais, como por exemplo: os da pátria, da cultura, de um ambiente social e afetivo. Contudo, o migrante, enquanto sofre por estas privações, se aproxima da sua verdade mais profunda, porque enquanto homem, é feito antes de tudo, para habitar a terra. Os confins nacionais, de fato, enquanto definem uma entidade geopolítica, determinam pertencimentos circunscritos, que tornam o homem um estranho ao resto da terra, que, no entanto, também é sua. A esta realidade se referia o bem-aventurado Scalabrini quando afirmava que a **“pátria do homem é o mundo”**.

O homem de fé é modelado no esquema de Abraão, o qual tem que abandonar a sua terra por um país que Deus lhe indica e que nunca é definido. Ele se torna cada vez mais ele mesmo quanto mais – como Abraão - perde suas propriedades privadas, que são um obstáculo ao seu crescimento e amadurecimento, como pessoa universal. Abraão deve perder tudo, até mesmo o filho da promessa, para que se lembre que este não é somente seu. Contudo, é desta forma que ele se torna povo, enquanto sua recompensa se torna o próprio Deus.

Assim, apesar de tudo, devemos ser capazes de anunciar ao migrante que ele é *sortudo* e também *abençoado*, por remeter, segundo o Evangelho, ao necessário início de **uma nova humanidade**, que se reconhece em caminho e em um relacionamento recíproco e pertencimento ilimitado. Neste sentido, os outros pobres (por exemplo: o doente, o faminto, etc.) devem ser ajudados a remediar sua pobreza, o migrante, ao contrário, enquanto continuação de Abraão, deve ser ajudado a reconhecer a sua própria situação de migrante e a compreender suas possibilidades.

Isso não significa que o migrante não deva ser ajudado em suas necessidades, como fazia **Scalabrini**, que se fazia **“tudo para todos”**. De fato, é necessário intervir para levantar a pessoa das necessidades que a esmagam. Pelo contrário, trata-se de estarmos atentos até que tais ajudas necessárias (como um gesso, que quando aplicado provisoriamente em um membro doente, torna-se supérfluo assim que a fratura é curada), sejam consideradas simplesmente o que são, ou seja, intervenções práticas de curto prazo. Assim, não se corre o risco de reduzir ou confundir a ajuda imediata com o discurso global e profundo da fé, que é um discurso de longo prazo.

Considerar a pobreza como bem-aventurança é o paradoxo da fé: para poder compreender este paradoxo, o migrante precisa ser acompanhado pelo testemunho e por uma formação adequada.

Em outras palavras, trata-se de um auxílio para criar seus próprios instrumentos de julgamento. Se sobretudo, não for ajudado a interpretar evangelicamente o próprio estado, o migrante pode correr o risco de resignar-se ou de centrar-se em uma autoafirmação consumista.

A missão da Igreja para com os migrantes deve continuamente reportar ao discurso a longo prazo: porque somente das verdades globais apresentadas pelo Evangelho podemos atingir e anunciar a autêntica esperança cristã, que, fundada na morte e ressurreição de Cristo, parte da alegria e é atravessada pela alegria.

A presença do migrante como fermento

O Espírito está trabalhando na história, para cumprir o grande desígnio da fraternidade universal de todos os homens em Jesus Cristo. Certamente a migração, que mistura os povos, tem um lugar particular nele. A presença do migrante e do estrangeiro, de fato, é fermento de transformação da humanidade, segundo o projeto de Deus. Assim, intuiu efetivamente o **bem-aventurado J. B. Scalabrini**, de acordo com suas próprias palavras:

“Enquanto o mundo se agita, inebriado pelo progresso..., enquanto os povos desaparecem, renascem e se renovam e as raças se misturam entre elas... acima desta atividade devoradora, acima de tantos trabalhos gigantescos e não sem sua colaboração, vai se preparando aqui embaixo, uma obra muito maior e sublime, ou seja, a união em Deus de todos os homens de boa vontade” (Discurso pelo IV Centenário de Cristovão Colombo, 01.12.1892).

Rumo ao Pentecostes de todos os povos

A nossa **vocação secular**, que nos imerge nas migrações, encruzilhada de povos, se funda na esperança no **Cristo crucificado e ressuscitado**: à luz da **Páscoa**. De fato, o migrar torna-se positivamente um trabalho de transformação, em vista do Pentecostes de todos os povos, unidos e diferentes.

Em todo ambiente, também entre muçulmanos, budistas ou migrantes de outras religiões, a nossa **consagração secular** nos envia a colher e a fazer crescer, a partir de dentro, **as sementes da universalidade e da comunhão** já presentes, sinal do Espírito que está agindo para reunir a humanidade ao redor de seu centro que é **Jesus crucificado e ressuscitado, o Homem universal** (cf. Jo 12, 32).

Os fermentos desta vida nova, suscitada pelo Espírito, já estão presentes e espalhados por toda parte, mesmo além dos confins

visíveis da Igreja, do cristianismo. Misturadas com os migrantes de várias nacionalidades e culturas, somos enviadas – pela nossa consagração – a ser entre eles uma **presença católica** de Igreja, pela salvação deste nosso mundo. E assim, como o Filho narrou com toda sua vida o amor do Pai, também nós queremos ser, pelas estradas dos êxodos de hoje, uma simples narração do amor de Jesus pobre, virgem e obediente.

Maria Grazia



(Este artigo pretende apresentar brevemente os **“Traços de Espiritualidade Scalabriniana que fermentam a nossa vida de Missionárias Seculares Scalabrinianas”**, uma exposição realizada **em 1996**, durante o **Congresso de Espiritualidade Scalabriniana, em Ciampino, Itália**, fruto do precioso confronto ocorrido ao longo dos anos com o Padre **Cesare Zanconato**, teólogo scalabriniano, a quem somos profundamente gratas).



PELAS ESTRADAS DO ÊXODO COM SCALABRINI

Como aconteceu meu primeiro contato com o mundo scalabriniano e com a figura do Bem-aventurado João Batista Scalabrini?

Respondendo a esta pergunta sinto muita gratidão por todas as pessoas que com seu testemunho me transmitiram, desde o começo, e continuam a me transmitir, o carisma scalabriniano vivo e tão atual para nossa vida de Missionárias Seculares Scalabrinianas.

Eu sou alemã e venho de Ingolstadt, uma cidade perto de Monique, na Bavária.

Anos atrás, participei de uma jornada formativa na Diocese de Rottemburg-Stuttgart. Naquele tempo não era frequente encontrar naqueles ambientes pessoas de outras nacionalidades mas daquela vez,



entre os presentes, uma pessoa não era alemã: era uma missionária secular scalabriniana. Nos conhecemos e ela me convidou para ir a um encontro internacional para jovens no *Centro di Spiritualità* dos missionários scalabrinianos em Stuttgart.

Era um encontro de alguns dias durante a Páscoa e eu compareci. Mas o que ficou daqueles dias e o que me fascinou?

Antes de tudo, a profundidade e a comunhão com a qual vivemos entre pessoas de línguas e histórias tão diferentes, junto à acolhida e à simplicidade do missionário scalabriniano que conduzia as jornadas, padre Gabriele Bortolamai. Permaneceu no meu coração o encontro com os migrantes que vivem à sombra das nossas lindas cidades: abri meus olhos sobre a pobreza presente no meu país e, ao mesmo tempo, sobre a generosidade e a capacidade de sacrifício daquelas pessoas, e sobre a riqueza que possuíam. Já na noite de Páscoa descobri um Deus que é Pai, Pai de todos e que me perguntava: “Você me ama de verdade?” (cf. Jo 21, 15).

Porém eu não estava preparada para dizer um sim, para deixar tudo e me confiar totalmente a Ele. Mesmo sentindo sua pergunta queimar dentro de mim, respondi “não” e parti.

Fui longe, em Israel, para um ano de estágio em pedagogia social em uma escola árabe para jovens refugiados palestinos. Ao mesmo tempo continuava os estudos de teologia. O capítulo daquela Páscoa já estava fechado. Tinha me lançado na vida social e colaborava com diferentes grupos políticos de esquerda. Tinha muitos compromissos e mil sonhos para o futuro.

Não faltavam possibilidades, mas eu queria fazer alguma coisa contra a injustiça que via presente em todos os lugares do mundo. Procurava pessoas autênticas e alguma coisa que desse sentido para minha vida.

Hoje, com o olhar retrospectivo, descubro que dois bispos me acompanharam nesta busca - mesmo que eu, como boa alemã, não tivesse muita simpatia pelos bispos. O primeiro deles é o Bem-aventurado J. B. Scalabrini. O outro é São Oscar Romero, morto mártir em El Salvador. Quando soube de sua morte, surgiram em mim profundos questionamentos: como pode alguém dar sua vida assim?

Depois se apresentou para mim a ocasião de passar um ano no Brasil, graças a um intercâmbio com uma comunidade de base em uma favela no Nordeste. Parti.

Vida e morte, violência e fome eram eventos cotidianos. Contudo, eu tocava com minhas mãos uma esperança ilimitada, uma fé simples e autêntica. Foi um ano que me marcou profundamente e que transformou minha vida: o ano no qual encontrei de perto o Cristo crucificado e ressuscitado nos pobres e em mim mesma.



Durante o estágio no Brasil fui também a São Paulo. Queria conhecer alguns projetos nos quais estavam envolvidas pessoas mais pobres: crianças em situação de rua, migrantes internos do Nordeste...

Bem naquele dia, se celebrava o dia do migrante e um desfile de pessoas mais pobres e pequenas passava com cantos e cartazes entre as moradias mais miseráveis e os prédios do centro da cidade. Quem eu vi caminhar com eles? Algumas missionárias seculares scalabrinianas. Tinham se passado sete anos do primeiro encontro na Alemanha: não esperava encontrá-las aqui. Permaneci três dias com elas e me senti em casa naquele pequeno apartamento no meio dos cortiços: uma presença muito pequena como uma gota no oceano. As missionárias não eram as mesmas que tinha conhecido em Stuttgart, mas bem ali, do outro lado do oceano, encontrei a mesma comunidade. Isto me impressionou. Mesmo que o ambiente fosse diferente, o coração era o mesmo. O encontro com elas me marcou profundamente, mas depois daqueles três dias renovei meu “não” e parti para Foz do Iguaçu.

Em Foz, sozinha, estava visitando a igreja de São Miguel, quando de repente, quem vejo na minha frente? Scalabrini! Sua imagem sobre um grande cartaz. De novo não esperava por isto! Aproximei-me e falei: “o que você quer de mim?”.

Logo depois se apresentou o pároco. Percebendo que eu era alemã me disse: “Sou um missionário scalabriniano e tenho um irmão missionário na Alemanha, em Stuttgart!”. Nem tinha começado a conhecê-lo e Scalabrini já brincava comigo! O pároco de Foz era irmão de padre Gabriele que citei no início.



Antes de voltar para a Europa fui mais uma vez a São Paulo e permaneci duas semanas com as missionárias para conhecer melhor sua vida e o carisma scalabriniano. O que ficou marcado em mim daqueles dias? A paixão incansável pelos migrantes, paixão que se expressava não só como primeira acolhida, mas também como sensibilização para chegar aos pontos cruciais da sociedade, lá onde se tomam as decisões e como presença “ponte” entre ricos e pobres, entre os migrantes da primeira hora e os *indocumentados* de hoje.

Outro aspecto da espiritualidade do êxodo, scalabriniana, que me fascinava, era o "como" vinham lidos os acontecimentos, muitas vezes chocantes, de cada dia: não somente se via o problema, mas também as chances, reconhecendo nas desavenças da história humana e cotidiana as dores de um parto. Além disso, gostava da essencialidade no modo de viver e da criatividade ao enfrentar situações novas e imprevistas, mas sobretudo a centralidade de Cristo na vida e no cotidiano.



Aquelas missionárias, que eu acompanhava durante o dia nas barracas, nas famílias, nos escritórios; as encontrava à noite em silêncio na frente da Eucaristia. Desde o começo tinha me perguntado: de onde recebiam a força e a alegria? Naquele momento descobri a resposta.

Era um dos últimos dias em São Paulo e me encontrava na Catedral da Sé para a missa comemorativa pelo aniversário da morte do Bispo Oscar Romero. A igreja estava lotada de pessoas mais pobres. No momento da coleta das oferendas percebi que a mulher idosa que

estava bem na minha frente, descalça e vestida de trapos, ia em frente para levar sua oferta. E me perguntei: “E você, o que oferece?”.

Ali entendi que Deus queria mais do que as minhas mãos, do meu empenho social: queria tudo de mim para poder me dar tudo. Então eu disse sim – um “sim” que mudou completamente meus projetos.

Alguns meses depois começou para mim um tempo da formação para me preparar à vida missionária scalabriniana com os votos de pobreza, castidade e obediência, celebrados em Piacenza no ano de 1994. Um dos aspectos que colhi naqueles primeiros anos foi a gratidão para com os missionários scalabrinianos, por meio dos quais nós missionárias conhecemos Scalabrini.

E Scalabrini continuou a brincar comigo, na minha vida cotidiana. Por exemplo, nos anos do meu envio missionário em Roma, junto com as outras missionárias, procuramos um novo apartamento e, quando o encontramos, descobrimos que da cozinha se podia ter acesso a uma pequena varanda com uma janela que dava sobre o altar da igreja que estava ao lado da casa.

Como não pensar em Scalabrini e em sua paixão pela Eucaristia, fermento escondido de toda sua vida, atuação e da sua esperança?

Christiane



SE DENTRO

*Se dentro de mim
entrou o mundo
ficando para trás
limites e fronteiras,
com todo o seu peso
de alegria e dor,
poderia eu talvez governá-lo?*

*Vem, Senhor Jesus,
habitar o meu mundo,
se sentar no seu lugar de honra,
Você, o único que pode carregar
o peso
que esmaga e exalta;
a glória
que mata e levanta.
Vem, com a sua
vitória,
loucura do teu inigualável
Amor que salva.*

Adelia



**"PARA MIM
SÃO PESSOAS"**

MIGRANTES

HAITIANOS NO MÉXICO

Os migrantes haitianos que saem do Chile e do Brasil para chegar aos Estados Unidos devem passar pelo México. Mas aqui seus planos mudam. Luisa, missionária no México, nos conta sobre isso.

Em 2021, após o fechamento das fronteiras devido à pandemia, os fluxos migratórios em trânsito pelo México foram retomados com maior intensidade. No ano passado, de fato, o país registrou um recorde histórico no número de pedidos de asilo¹: 131.488 (em 2019: 70.341 e em 2020: 40.002). Em 2013 eram apenas 1.296. Atualmente os três principais países de origem são o Haiti com 51.327 pedidos de asilo, Honduras 36.361 e Cuba 8.319.

Um fenômeno novo é a chegada de milhares de haitianos, uma população em movimento devido à grave crise política e econômica que afeta o Haiti. A maioria deles não vem diretamente de seu país de origem, mas sim do Chile e do Brasil: são homens solteiros, mas sobretudo famílias jovens com filhos. Depois de viver alguns anos nesses dois países da América do Sul, sua intenção é ir para os Estados Unidos, ganhar mais dinheiro e enviá-lo para suas famílias que ficaram em casa em absoluta pobreza. Uma opção de nova emigração que significa ter que atravessar irregularmente oito ou nove países de sul a norte, ao longo de todo o continente americano...

¹https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/690741/Cierre_Diciembre-2021-1-Enero-2022_.pdf



Atravessada a fronteira entre a Guatemala e o México, o ponto de chegada mais frequente é Tapachula, cidade que se vê ultrapassada em suas possibilidades de recepção, conforme descrito em um Comunicado da Conferência do Episcopado Mexicano (“Apelo urgente ao Governo mexicano”, 06 de dezembro de 2021):

“A situação dos migrantes em Tapachula, Chiapas, assumiu uma dimensão e complexidade alarmantes”. Além da superlotação, da demora nos trâmites para o reconhecimento da condição de refugiado e do visto humanitário, das perseguições e abusos por parte das autoridades locais e federais, acrescentou-se também o desespero e as explosões de violência dos migrantes, como resposta a muitas promessas não cumpridas por parte dos Governo federal.

De fato, o Governo Federal não tem respeitado os compromissos assumidos com os migrantes quanto ao seu transporte e à sua regulamentação migratória [...].

Muitos partiram ao longo da estrada costeira de Chiapas em pequenos grupos ou caravanas, expondo-se ao colapso pelo sol, fome, desidratação e doenças.

A situação que vivemos é caótica: sofrimento, desespero e violência. Em meio a essa complexa realidade, a Igreja Católica, por meio da diocese de Tapachula, manteve-se firme na assistência humanitária aos migrantes [...].

O nosso desejo de ajudar é muito forte, fazemos o nosso melhor com as forças que temos e, embora os recursos sejam limitados, continuaremos sempre a fazê-lo com preocupação e com um profundo espírito cristão. [...] Hoje, mais do que nunca, é urgente uma ação decisiva dos três níveis de governo, respeitando os direitos fundamentais dos migrantes. A responsabilidade e as obrigações são claras: cabe ao governo mexicano criar condições dignas para o exercício do conjunto de direitos garantidos a todas as pessoas pela Constituição Política dos Estados Unidos Mexicanos [...].”

Se esta é a situação no sul, mesmo as cidades da fronteira norte do México, aquela com os Estados Unidos, continuam como antes da pandemia a receber milhares de migrantes e refugiados: os novos que

chegam e param na espera para atravessar a fronteira, aqueles que são expulsos dos EUA após serem impedidos de tentar entrar ilegalmente e também aqueles que pelo programa “Fique no México”, após solicitar asilo nos Estados Unidos, são enviados de volta ao México, onde terão que ficar até a conclusão do seu procedimento de reconhecimento como refugiados.

É claro que seria necessária uma mudança na política migratória em nível regional com maior colaboração entre os Estados Unidos, México e os países da América Central, e não apenas no controle de fronteiras, mas para gerenciar esse movimento de pessoas, abrindo caminhos legais para a migração, enquanto se trabalha de verdade para erradicar as causas da migração forçada.

Em vez disso, os Estados Unidos tornaram sua fronteira como algo externo. Não é tanto o muro visível na fronteira sul dos EUA que bloqueia os migrantes, mas um sistema real, criado graças à pressão econômica e política sobre o México, que acaba se tornando o braço de controle dos fluxos migratórios. O México militarizou sua fronteira com a Guatemala, realiza verificações ao longo de toda a rota do sul ao norte. Nas regiões do Norte, então, é o tráfico de drogas que se torna mais um obstáculo e risco para os migrantes, que muitas vezes são sequestrados, assaltados, feridos ou mortos pelo crime organizado.

Nos últimos meses, a Cidade do México, no centro do país, também registrou um número crescente de requerentes de asilo nos escritórios da Comissão Mexicana de Ajuda aos Refugiados (*COMAR). Solicitar asilo é uma forma de regularizar sua estadia, mas não tanto para permanecer, mas de poder viajar para o território mexicano com menos problemas. No entanto, o processo leva mais tempo e muitos precisam ficar meses na Cidade do México, às vezes por uns dois anos. No passado, os migrantes partiam após uma estadia bastante curta na capital mexicana.

Devido a essa mudança, as Casas do Migrante da Cidade do México tiveram que aumentar sua capacidade em 200%, reajustando seu trabalho e abrindo novos espaços. Estas são organizações da



igreja e da sociedade civil, que também têm que lidar com a escassez de recursos econômicos. No entanto, não deixaram de lembrar às autoridades da cidade a sua responsabilidade, para que ofereçam mais ajuda às Casas do Migrante e criem *“um centro de acolhimento permanente para a população móvel, que sirva para as pessoas que estão chegando e continuarão a chegar ao destino que oferecer e permitir uma assistência e encaminhamento de casos eficiente, sempre com uma abordagem baseada nos direitos”* (comunicado de imprensa de 07 de dezembro de 2021).



Nós, missionárias, ajudamos em algumas casas por meio de serviços diretos: por exemplo, Rosiane, que é professora universitária de enfermagem, oferece assistência sanitária com seus alunos e estagiários; Nuccia e eu ajudamos nas aulas de espanhol para migrantes de outras línguas, atualmente principalmente haitianos.

Nas visitas às Casas do Migrante que realizamos semanalmente, vimos a evolução que ocorreu no movimento dos migrantes haitianos. A princípio foi um fenômeno inesperado: centenas de homens, mulheres e crianças chegaram, ficaram dois ou três dias e depois partiram com muita pressa. Todos se dirigiam a um único destino: Ciudad Acuña, na fronteira com o Texas. Fotos da ponte internacional correram o mundo, sob a qual 14.000 haitianos acabaram se refugiando em setembro. Esta ponte liga Ciudad Acuña com a cidade texana de Del Río. No entanto, logo começaram as verificações nos ônibus da Cidade do México para aquela área. Prisões e expulsões começaram nos Estados Unidos e

no México, diretamente para o Haiti. Uma mensagem clara e cruel: por este caminho não se passa!

Para reforçar a mensagem, serviram as imagens da polícia americana a cavalo bloqueando o caminho para os migrantes. Cenas criticadas por todos, mas muito “úteis” para deixar claro para quem está no caminho que uma mudança de rumo é necessária.

De fato, o rápido fluxo de pessoas que vimos em setembro diminuiu e os haitianos que chegaram em outubro tiveram que parar na Cidade do México, enquanto outros continuaram a chegar do sul. Os haitianos começaram a buscar asilo nos escritórios do COMAR. Assim, as Casas do Migrante da capital se viram diante de uma nova emergência.

A partir das circunstâncias, porém, partiu também o impulso solidário da sociedade civil, da Igreja e dos indivíduos com a arrecadação de fundos, alimentos, roupas, medicamentos, várias formas de voluntariado. Como sempre, nestes casos, a opinião pública divide-se entre aqueles que se deixam tocar pela situação dos migrantes e aqueles que, sobretudo por ignorância e medo, se fecham na indiferença e na hostilidade.

Por isso, uma tarefa igualmente importante é a de sensibilização e formação nas paróquias e universidades para promover a cultura do encontro e da partilha. É isso que procuramos realizar no *Centro Internacional Misionero Scalabrini*, colaborando com outras instituições através de encontros formativos, especialmente com os jovens, e criando, de forma simples, redes de acolhimento e comunhão de bens.



Apesar dos graves problemas que afligem o povo mexicano durante a pandemia, estamos vendo que muitos estão se unindo e trabalhando duro para não abandonar os migrantes, reconhecendo-os como pessoas.

Uma jovem voluntária nos descreveu sua experiência da seguinte forma: “No começo para mim eram migrantes, depois de tê-los conhecido e de ter compartilhado muitos momentos com eles, para mim são pessoas”.

Luisa

PASSOS DE PAZ

*Paz não é apenas uma palavra para mim, para
você, para a humanidade.*

*Paz não é apenas um sonho para nós,
é o caminho, a luz para cada homem.*

*A paz tem um rosto,
o rosto de um homem,
chave da história,
de nossa história.*

*A paz tem um rosto,
o rosto de um homem,
o rosto de Cristo,*



An aerial photograph of a sandy beach. In the upper left, the ocean waves are breaking onto the shore. In the center of the beach, a large cross is drawn in the sand using sticks and twigs. The cross is oriented with its arms pointing towards the top-left and bottom-right corners of the frame.

*o Filho de Deus,
o rosto do Seu amor por nós.*

*Paz não é apenas uma palavra para mim, para
você, para a humanidade.*

*Eu acredito que através de toda a dor,
as lágrimas e a cruz,*

*Jesus se tornou para sempre
a nossa paz,
a verdadeira paz.*

*Com Ele podemos ser
mulheres e homens
que seguem
Seus passos de paz.*

*(Tradução de “Steps of peace” Canção da Scalabrini-Band, letras e
música de Nadia Antoniazzi)*



A memória de uma queda e o início de uma nova vida

No último ano, mais de 1 milhão de afegãos deixaram seu país. Dentre eles, 5,6 mil conseguiram visto para ingressar no território brasileiro, outros 6 mil afegãos estão registrados em filas de espera nas Embaixadas brasileiras de países como Paquistão, Irã e Turquia. A urgência humanitária se deu após o retorno do Talibã ao poder. Aqui no Brasil, nem sempre se compreende quem são essas pessoas. É por isso que hoje “Mohammad” vai nos contar sua história... a história de um jovem afegão, que se tornou refugiado.

Meu nome é “Mohammad”, venho do Afeganistão, sou um homem jovem, curioso, calmo e sempre pronto para novidades.

Minha mãe era professora, meu pai era policial, e eu sempre gostei de aventuras. Com apenas dez anos de idade eu era o responsável por revisar minhas próprias lições e todo o meu dever de casa, depois disso eu ensinava tudo às outras crianças do meu vilarejo. Minhas férias eram o tempo oportuno para ler as cartas recebidas dos meus vizinhos que tinham ido para outros lugares. Poucas pessoas no meu vilarejo sabiam ler ou escrever, nas áreas mais distantes, esse número era ainda menor. Após concluir o período escolar com êxito, eu estava me saindo muito bem naquilo que eu mais gostava, que era cursar Ciências da Computação na Universidade de Cabul, inclusive com as notas mais altas. Antes de começar a Universidade, trabalhei como professor no meu vilarejo. No meu segundo ano da Universidade, fui contratado como gerente de TI (Tecnologia da Informação) por uma empresa privada.

Depois de me formar, trabalhei durante um ano no Ministério da Educação Superior como engenheiro técnico e mais um ano no Departamento Central do Ministério do Interior como gerente de TI. Eu estava sempre à procura de um novo desafio, uma nova oportunidade. Foi assim que me candidatei para um cargo governamental de alto escalão e acabei sendo selecionado para um teste para o cargo de Chefe das Telecomunicações e Tecnologia da Informação. Naquela época, eu fiquei realmente surpreso. Depois de passar por dois testes

rigorosos (online e presencial), obtive a pontuação mais alta entre os dezessete candidatos e fui reconhecido como o vencedor. Mesmo com a vitória, o monopólio e a opressão sobre a minorias raciais e étnicas, principalmente sobre a minoria hazarah/xiita, criaram um sério obstáculo para o meu contrato de trabalho, mas apesar de tudo, consegui concluí-lo.

Iniciei a nova temporada, um novo começo e o momento ideal para trabalhar duro por um país destruído onde as pessoas são privadas dos serviços mais básicos de comunicação e internet. Trabalhamos muito e implementamos nosso plano de desenvolvimento das telecomunicações, dia após dia, levando adiante a expansão, o aumento da capacidade e da qualidade destes serviços.

Devo dizer que sou da região central do Afeganistão. Vivemos por anos organizando um bom governo, educando jovens, tanto meninos quanto meninas, desenvolvendo capacidades técnicas, criando as bases para um sistema democrático, com liberdade de expressão, criando uma força militar profissionalizada e uma força de defesa que se ocupasse de todos, sem exceção, para um futuro melhor, à sombra da paz em um país onde todas as pessoas portadoras de uma poderosa esperança estavam comprometidas com suas responsabilidades. Mas o Afeganistão também foi o único país que nas últimas décadas serviu de ninho para terroristas, de central de testes de armas de guerra por potências mundiais e foi vítima de seu próprio povo.

Foi assim que de repente, no dia 15 de agosto de 2021, o país, o sistema e as pessoas foram vendidas para um grupo terrorista chamado Talibã, e em vinte e quatro horas o regime do Talibã assumiu o controle do país.

A escuridão começou com o massacre da geração mais jovem: especialistas, cientistas, forças de segurança, defensores dos direitos humanos e parceiros internacionais. À noite, a sensação de terror, dor e tristeza prendeu a respiração em nosso peito. A cidade tornou-se um cemitério para os mortos. Subi no telhado de minha casa, e não ouvi nenhum som, nem os gritos dos filhos do vizinho, nem o latido dos cachorros, nem os transeuntes normais da noite. Todos estavam mortos. Até que finalmente a terrível e violenta noite amanheceu, mas com um mundo de apreensões.

Naquele dia, em vez do nascer do sol, a poeira vermelha que trouxe massacre, pobreza, deslocamento e migração começou a se mover do leste. Notícias sobre prisões e execuções de ex-soldados, funcionários de alto escalão, funcionários da segurança nacional, colegas de países estrangeiros foram repetidamente publicadas e aumentando minuto a minuto. Comecei o dia com a notícia chocante do assassinato de onze jovens funcionários técnicos da segurança nacional, eram da tribo Hazara e da religião xiita, primeiro foram presos e depois assassinados

por tiros. A notícia mais devastadora do noticiário foi a que dizia que *“onze jovens profissionais e técnicos da segurança nacional do país, foram presos pelo Talibã, com as mãos amarradas, pés descalços e sob o sol escaldante e baleados com uma bala Kalashnikov”*

Os meios de comunicação foram fechados um após o outro e seus proprietários foram capturados e mortos.

A mãe de meu amigo “Abdul” estava chorando e procurando por seu filho policial que foi preso de madrugada. Infelizmente, em outro lugar, o pai já carregava o corpo sem cabeça de “Abdul”, seu jovem filho, para casa. “Abdul” foi decaptado devido ao seu trabalho anterior como policial na segurança nacional.

Quem trabalhava no governo e na segurança do governo anterior era preso e entregue ao Talibã. Investigações e buscas se intensificaram em todas as rotas que conectam o centro do país, Cabul, com os países vizinhos. Durante uma destas investigações e interrogatório, um comandante do exército nacional junto com quarenta outras pessoas, depois de ter sido preso, foi baleado e os corpos foram jogados na beira da estrada.

Aliás, a Capital do país, Cabul, tem sua própria história: o desastroso fluxo de milhões de pessoas para o Aeroporto Internacional. Naqueles dias, tudo se intensificou e todas as pessoas, incluindo crianças, mulheres e homens tentaram entrar no aeroporto para escapar. Foi assim que, devido ao medo do Talibã, militares americanos que serviam de intérpretes se arriscaram sobre as asas de um avião militar, mas infelizmente, após o avião decolar, já no final da pista, os corpos caíram por terra. Essas imagens foram internacionalmente divulgadas.

Em síntese, neste momento, cada metro quadrado daquela terra tem sua própria história dolorosa.

A situação, as condições e o ambiente foram piorando e o pânico foi ficando mais intenso. Todos estavam tentando encontrar um lugar seguro para si, porque as buscas começaram a acontecer nas próprias casas, para encontrar funcionários do governo anterior, armas, dinheiro e pessoas visadas. Cada um, individualmente passava por uma batalha incerta, o que significava brincar com o sangue em nossa garganta. De fato, você pode ver essas cenas em vídeos na internet, mas eu garanto que se você estiver sozinho, será difícil até mesmo de assistir. Ali nós somos as próprias vítimas e os cadáveres que vêm com os próprios olhos a sua tortura e sofrimento. Foi assim que precisei fugir.

Viajar, se divertir e experimentar um novo mundo em um novo país é extremamente atraente se sua casa não estiver destruída, sua família não estiver deslocada, seu país não estiver sob ocupação e se você puder voltar para seu lar no final da diversão. Se não for esse o caso, você morrerá a cada minuto. Saí do meu país com lágrimas e muita inquietação. Quando cheguei em um país vizinho, que faz fronteira com

o Afeganistão, meus amigos que já estavam lá me falaram sobre vistos humanitários oferecidos pelo Brasil. Eu me inscrevi imediatamente, era 01h00 da manhã do dia 20 de outubro de 2021. Pela manhã fomos até a embaixada do Brasil e passamos por entrevista para a concessão do visto, depois de três meses de espera, finalmente recebi meu visto com a possibilidade de entrar no Brasil. Chegando ao Brasil, um primeiro campo de refugiados, e agora a Missão Paz.

A Missão Paz é formada por pessoas gentis e responsáveis que nos ajudam através de diversos serviços, como aulas de português, atendimento médico e consulta com advogados. Se você visitar um de seus departamentos, vai perceber que “o humanitarismo e a cooperação com as pessoas é prioridade na vida”. É aqui também que fica a Casa do Migrante, um centro de acolhida para nós, recém chegados.

Aqui conheci Rosemeire: desde o primeiro momento em que você a encontrar, ela irá te receber, resolver as dificuldades e te motivar para novas oportunidades. Uma verdadeira mãe para aves migratórias que não têm mãe há muito tempo, meses e anos. Com a ajuda dela, marquei um atendimento com a advogada Lívia, para verificar como poderia ajudar minha família a também conseguir um visto para vir para o Brasil, mas justo no dia do atendimento, passei muito mal e acabei perdendo o primeiro encontro. Retornei para marcar um novo agendamento e uma semana depois, com toda a preparação necessária e os documentos da minha família, fui para o atendimento. Me sentei na sala de espera pensando: “atualmente minha família tem duas opções, morrer ou viver e aqui estou eu, vagando e não familiarizado com o sistema, encontros e relacionamentos. É urgente que eu possa fazer algo por eles”. Eu estava esperando pacientemente quando de repente fui informado que a advogada não viria porque sofreu um acidente. Fiquei chocado e preocupado: uma pessoa boa não é apenas querida por si mesma, mas também amada e importante para todos. Quando soube que ela estava bem, retornei para buscar um novo agendamento e pensei: “Esta é a terceira vez, espero estar vivo até lá.”

Tendo chegado o dia da minha nova consulta jurídica, fui totalmente preparado para apresentar o caso. Estava pontualmente na sala de



espera, mas sete minutos depois, outra coisa aconteceu: a outra advogada, se comunicando em inglês, me guiou até seu escritório e me disse: “meu nome é Thamiris, trabalho com assessoria jurídica e vou registrar suas informações”.

Antes de falar sobre nossa reunião, devo dizer que há mais ou menos dez meses, no meu país, eu estava completamente envolvido em um trabalho duro em favor do meu povo. Assim, devido à minha função, as pessoas me procuravam por vários motivos e problemas, mas quando eu começava a falar, a maioria delas se esquecia de suas questões e aderiu às minhas propostas. Muitas vezes me senti mal pelo fato de influenciar tanto as pessoas, mas agora eu entendi que as pessoas são muito mais influenciadas pela bondade e gentileza, do que pelo medo e maldade. Exatamente como eu, durante esse encontro.

Após ela registrar meus dados, começamos a discutir a situação da minha família que ainda esperava por um visto em um país vizinho do Afeganistão. A tentativa seria conseguir uma entrevista na Embaixada brasileira em caráter emergencial. Para minha alegria e surpresa, no prazo de duas semanas, minha família foi convocada para a entrevista naquela Embaixada.

Depois de uma semana, já inscrito no curso de português da Missão Paz, no final da aula, quando saí no pátio da igreja, vi Thamiris ocupada com outra pessoa preparando algo. Entendi que era a festa Junina. Quando comecei a ir embora, ela me disse que se estivesse interessado, poderia retornar no dia seguinte, às 17h00 e ajudar na organização. Finalmente juntei-me a eles. A festa era muito interessante e no final de cada noite, ela apresentava cada atração e aproveitávamos todas, com todos os afegãos que estavam na Casa do Migrante: eram pequenas barracas, com comidas típicas brasileiras e de outros países, bailes de crianças, jogos em família, bazar, peixes artificiais para crianças pescarem e muita música. Foi assim que chegamos ao fim daquela festa... com o passar do tempo, momentos de felicidade foram registrados.

Agora já estamos em agosto. Aqui na Casa do Migrante somos setenta pessoas, e cada uma tem seu próprio projeto. Quanto a mim, sou aquele que está esperando ansiosamente para salvar minha família com ajuda das advogadas. Sinto que esse caso não pertence apenas a mim, mas também a elas, como suas próprias famílias.

Também busco novas oportunidades e um futuro melhor. Agradeço aos integrantes da Missão Paz e da Casa do Migrante. Aqui aprendi que “o humanitarismo e a cooperação com as pessoas são nossas prioridades na vida”.

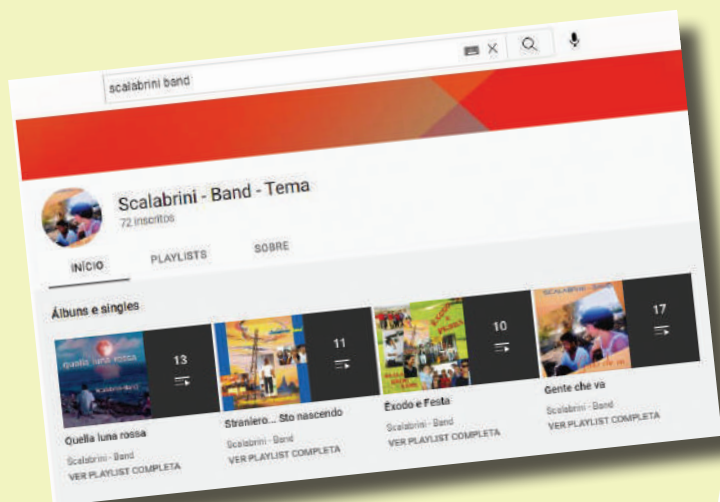
por Rita e Thamiris

www.scala-mss.net



***Para seguirem as propostas dos Centros
Internacionais para Jovens - J.B.Scalabrini***

***Nos acompanhem nas nossas
redes sociais!***



Brasil	<p>Centro Internacional para Jovens - J.B.Scalabrini Rua Jenner, 89, Bairro Liberdade CEP 01526-030 SÃO PAULO - SP Tel. 11 3208-0872 saopaulo@scala-mss.net</p>
México	<p>Centro Internacional Misionero - Scalabrini Calle Comercio y Administración 17 Col. Copilco Universidad – Alcaldía Coyoacán 04360 MÉXICO - D.F. Tel. 0052 55 5658.9609 mexico@scala-mss.net</p> <p>Calle Corregidora Norte 75, Dep. 401 Centro Histórico - Tel.: 0052/442/2243295 76000 SANTIAGO DE QUERETARO, QRO. queretaro@scala-mss.net</p>
Suíça	<p>Internationales Bildungszentrum für Jugendliche Scalabrini Baselstrasse 25 - 4500 SOLOTHURN - CH Tel. 0041 32 623 54 72 ibz-solothurn@scala-mss.net</p> <p>St. Galler-Ring 184 - 4054 BASEL - CH Tel. 0041 61 283 11 55 basel@scala-mss.net</p>
Alemanha	<p>Neckartalstrasse 71 - 70376 STUTTGART - D Tel. 0049 711 54 10 55 stuttgart@scala-mss.net</p> <p>Centro di Spiritualità Stafflenbergstrasse 36 - 70184 STUTTGART - D Tel. 0049 711 24 03 34 cds.stuttgart@t-online.de</p>
Itália	<p>Centro Missionario Scalabrini Via G. Mercalli, 13 - 20122 MILANO - I Tel. 0039 02 583 098 20 milano@scala-mss.net</p> <p>Piazzale Gregorio VII, 65 - 00165 ROMA - I Tel. 0039 06 640 171 25 roma@scala-mss.net</p> <p>Via Neve, 76 - Tel.: 0039/0922/24807 92100 AGRIGENTO agrigento@scala-mss.net</p>

Publicação das **MISSIONÁRIAS SECULARES SCALABRINIANAS**

R. Jenner, 89 - CEP 01526-030 - São Paulo - SP

Tel. 11 3208-0872

www.scala-mss.net